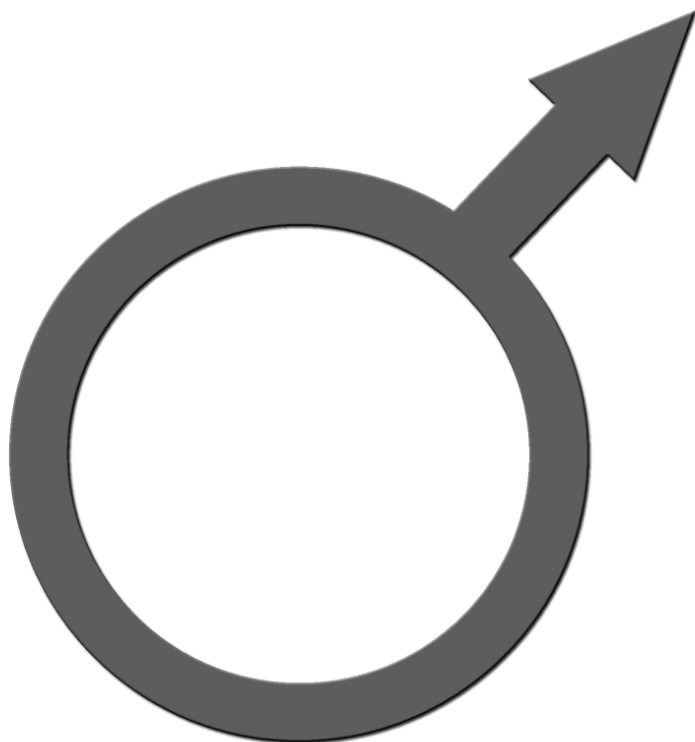


O Homem da Lança de Prata



Marcus V. Montenegro

Sumário

Nota do Autor	9
1. O início	11
2. As babás e eu	13
3. O colégio	18
4. Primeira aparição	23
5. Férias prolongadas	26
6. Doutor Getúlio	27
7. O Maracanã	32
8. Encontrando amigos	39
9. O matrimônio	46
10. O funeral	56
11. Revelado o “assassino”	58
12. Fundo do poço	59
13. Sociedade secreta da cura pela fé	67
14. Identificando o problema	73
15. Buscando a solução	80

16. Filme pornô	83
17. Procurando Percival	90
18. Emprego novo	94
19. Enfim... ..	96
20. O corno enfurecido	100
21. Virando a mesa	104
22. A proposta	105
23. Caso encerrado	107
24. Arrumando a vida de um jeito inesperado	108
25. Reconhecimento, afinal.	110
26. Fim	111

Dedico este livro

À minha família, pelo amor incondicional de sempre.

Aos meus amigos, pelo cabedal de besteiras proferidas ao longo dos anos.

À minha mulher, por tudo.

E a minha Tia Marisa, pela fonte de inspiração do livro.

Nota do autor

Antes que leiam o livro, gostaria de escrever algumas palavras. Há muito tempo queria ter feito o que fiz. Não adiantava mais me enganar. Sempre amei qualquer coisa ligada a arte, mas por razões práticas da vida me vi compelido a deixar tudo que mais gostava em segundo plano. Este livro foi concebido num momento de mudança na minha vida. Foi a maneira que encontrei para me desestressar, sem que tivesse no início qualquer pretensão comercial. Por isso, escolhi um tema tão esdrúxulo, minha intenção era me divertir enquanto escrevia e só. Acontece que acabei sendo incentivado a publicar meu texto, por isso, graças a tais incentivos, você agora poderá compartilhar essa história criada por mim. Alguns anos atrás escrevi um texto. Ali estava plantada a semente da obra que hoje se faz publicada, que resume tudo que gostaria de expressar agora.

Há muito tempo disseram para a Humanidade que devemos amar o próximo como a nós mesmos. Podemos afirmar, portanto, que antes de qualquer coisa devemos nos amar, isto é, nos conhecer, nos respeitar e saber escolher o caminho ideal, sem dar ouvidos ao chamamento dos outros. Por mais que tenham as melhores das intenções não nos conhecem de forma integral, ademais, na maioria das vezes nem nós nos conhecemos desta forma.

Amar-se, enfim, é dar oportunidade de se conhecer e progredir. A nossa evolução é sempre individual, entretanto, ninguém evolui sozinho (se escondendo do mundo), necessitamos do próximo. Existem aqueles que acreditam que o sofrimento, a dor, a racionalização, a angústia e a solidão são acontecimentos "naturais" da vida do ser humano (somos "maduros" quando isso ocorre) e são um FIM em si mesmo, levando a vida inteira sem *existir* de forma autêntica.

Outros não pensam dessa forma e mesmo assim se sentem "incompletos", "vazios" e acabam buscando no *outro*, no bem material, na vida profissional bem sucedida o antídoto para seus males pessoais. É dessa forma inclusive que percebo a nossa sociedade atual.

Em verdade, nós temos este encontro com nós mesmos e levamos a vida inteira fugindo dessa "voz interior da consciência" que indica que alguma coisa não está bem e não sabemos o *quê*, o porquê ou *para quê* isso não sai da nossa mente, está impregnado no fundo d'alma. Podemos tornar mais lúcida essa explicação com a exemplificação de uma bússola: enquanto o nosso "norte" aponta para uma direção, nós teimamos em tomar uma direção diferente, não nos respeitando, acreditando por ignorância que estamos fazendo a coisa "certa". Já dizia Sócrates que o princípio da sabedoria é o reconhecimento da ignorância, para que possamos através da *maieutica* nos questionarmos, "destruindo" nossas "verdades" e aprofundarmos em nossos verdadeiros ideais de existência. Devemos, isso sim, encarar o sofrimento, a dor, a angústia e a solidão como um MEIO para se autoconhecer, mergulhar dentro de si, e até se distanciar para que possamos nos olhar como um todo no mundo.

Não nos preocupemos com o próximo em demasia, pois apesar de nos amar, eles nos amam do jeito deles, "viciados" com seu próprio "*modus vivendi*", eles vêm com seus próprios olhos o mundo e ninguém pode fazer isso por você. O próprio filósofo já afirmava: "Conheça a ti mesmo".

Portanto, não devemos adiar, em hipótese alguma, nosso autoconhecimento. Só desse modo poderemos realmente *ser no mundo*, existindo de fato para uma vida plena, feliz e autêntica.

Demorei alguns anos até que tais ensinamentos reverberassem em meu peito. Não demore tanto. Seja autêntico hoje!

Boa leitura !

Marcus Vinicius Montenegro

1. O início

– Cacete!

Essa foi a primeira palavra que ouvi na vida.

– Como um recém-nascido pode ter uma coisa deste tamanho? – perguntou o médico a enfermeira.

– Sei lá Doutor, a mãe dessa criança deve ter comido muita mandioca na gravidez – respondeu a enfermeira.

– Pára de falar besteira sua toupeira e vai lavar esse moleque – terminou o médico.

Nasci no dia 07 de novembro de 1970, e de acordo com a minha mãe, esse foi o primeiro diálogo que adentrou meu inconsciente. Na maternidade fui um sucesso, todas as enfermeiras foram me ver, tinha algo em mim que chamava atenção. Nasci com um pênis de 15 centímetros.

Antes de começar minha história e explicar como cheguei a esse momento da minha vida, deixe-me apresentar. Me chamo Romildo, nome estranho eu sei. Outro dia fui em busca do significado desse nome tão esquisito, e descobri que significava o “homem da lança de prata”, e foi então que parei de ter implicância e hoje até sinto uma ponta de orgulho por me chamar assim. Mas não pense que foi sempre assim.

Tenho 38 anos, solteiro e moro sozinho num cubículo em Copacabana. Minha profissão? Bom, deixa para lá... Depois falamos sobre isso. Pensei em escrever sobre minha vida. Sempre fui um cara meio esquisito, acho que ainda continuo sendo, nunca fui de ter muitos amigos ou namoradas, jamais consegui compartilhar meus problemas com alguém próximo. Sempre fui um cara fechado, mas ando tão feliz que agora não me importo se vão me achar louco, tarado, desajustado ou qualquer coisa do gênero.

Meus problemas começaram desde aquele fatídico diálogo. Mas D. Sônia não deixava que nada de ruim acontecesse comigo. Dona Sônia era minha mãe, filha única de um casal vindo do nordeste que chegando ao Rio de Janeiro foi morar no Méier. Estudou no Instituto de Educação, na Tijuca, onde acabou se formando no magistério. Portanto, minha mãe era professora, profissão muito valorizada àquela época. Por razões alheias a sua vontade deu aula até o dia que nasci. Era uma mulher carinhosa e de fala mansa, mas não se engane, era uma mulher de fibra e com personalidade muito forte. Para se ter uma idéia, seus pais não aceitavam o relacionamento dela com meu pai e exigiram que ela desmanchasse o namoro com ele, senão a expulsariam de casa. Ela não aceitou o ultimato e acabou fugindo de casa pra morar com Seu Genaro.

Aproveitando o ensejo, para que eu possa de fato entrar na história, apresento meu pai, Seu Genaro, um italiano da Sicília, de origem humilde que veio para o Brasil tentar a sorte. Sem instrução, começou trabalhando como garçom num restaurante italiano, e com muito esforço e dedicação, acabou virando gerente e depois sócio do estabelecimento. Típico italiano, falava alto, torcia pelo Fluminense por causa das cores do clube, bebia muito vinho e falava que país bom era a Itália. Sempre tive vontade de falar pra ele quando falava mal do Brasil: "Se a Itália é tão boa assim, porque você não volta?". Mas sabia que se falasse isso ia acabar apanhando, e a mão do velho era bem pesada. Para se ter uma idéia, quando eu tinha meus 16 anos, ia da cozinha pro meu quarto quando meu pai, que estava vendo novela na sala, me chamou e perguntou:

– Mio figlio, venha cá. Pode falar com sinceridade com seu pai. Prometo que serei compreensivo. Já transaste com alguma novilha?

Surpreso com a pergunta, fiquei roxo de vergonha, e meio que gaguejando, respondi:

– Não pai, ainda não...

De súbito, levantou do sofá e crispando a face me deu um tapa na cara e ouvi, com aquele sotaque carregado:

– Vira homem, catzo!!!

Enfim, essa era minha família.

2. As babás e eu

Agora que vocês já sabem mais ou menos como eu sou e como são meus pais, vou contar para os mais desavisados que nem sempre um membro descomunal é sinal de vantagem e orgulho.

A primeira preocupação da minha mãe foi esconder do meu pai o segredo que trazia entre as pernas. Como fiquei sabendo depois, meu pai não era um cara avantajado, entende. Tinha um membro mediano com cerca de 15 centímetros, quando muito ereto. Imagina a reação que teria ao saber que seu filho que tinha acabado de nascer já ostentava um igual ao seu. Com certeza, pensaria que minha mãe teria transado com outro homem. Além do que, ficaria com um complexo de inferioridade fodido.

Não era a intenção da minha mãe ver Seu Genaro ir embora. Não se esqueçam que ela saiu da casa de meus avós brigada para se casar com meu pai, e como tinha uma personalidade muito forte e era tihosa, não estava em seus planos vê-los jogarem na cara que estavam certos o tempo todo, que aquele italiano era um imprestável. Naquela época os casamentos precisavam ser “eternos”. Mulher separada era vista com desdém e preconceito pela sociedade.

Nesse ponto ela deu sorte, já que meu pai não estava muito a fim de trocar fralda suja e nem muito menos dar banho em bebê. Só uma coisa ele não entendia e perguntava pra Dona Sônia.

– Por que você coloca nesse moleque uma fralda tão grande?

Minha mãe, conhecendo bem o italiano, respondia:

– É pra não precisar ficar trocando de fralda toda hora. Você sabe, o preço do pacote de fralda está nas alturas. Além disso, cabe mais cocô nessa e não é mole ficar sentindo esse cheiro o tempo todo.

– Você tem razão, cheiro de merda de bebê é pior que de adulto com caganeira.

Com isso ela conseguiu contornar a situação com meu pai, que ainda por cima ficou muito feliz por não precisar ficar limpando minha bunda. Durante o tempo que ela ficou em casa cuidando de mim sozinha as coisas estavam indo bem.

Acontece que a licença maternidade da minha mãe estava acabando e ela precisava voltar para as aulas. A princípio, Dona Sônia não queria abrir mão de

seu emprego, amava o que fazia, e com o dinheiro que ganhava, ajudava com as despesas da casa. Um de seus maiores prazeres na vida era corrigir prova, sentia orgulho quando percebia que seus alunos estavam aprendendo aquilo que ensinava, e como notei depois, adorava dizer para meu pai que não podia falar com ele porque estava corrigindo as provas. Acho que ela no fundo sentia prazer em zombar do coroa já que ele não tinha muita instrução.

Começou então a procurar por uma babá que pudesse cuidar de mim durante o dia. Pensou no perfil adequado, chegando à conclusão que a escolhida deveria ser uma senhora de mais idade, pensava minha mãe que por ser idosa já teria visto de quase tudo nessa vida e assim, compreenderia melhor o “problema”. Colocou anúncio no jornal especificando a questão etária para o emprego e esperou. Não demorou muito e logo veio a primeira senhora.

O nome, se não me engana a memória, era Dona Felícia. Uma senhora por volta de seus 70 anos, muito bem vestida, educada, elegante. Logo chegando apresentou suas credenciais, disse que trabalhara durante anos na casa do cônsul da Inglaterra aqui no Rio de Janeiro, mas quis sair porque as crianças já tinham se tornado adultas e ela não tinha mais o que fazer por lá e precisava de novos “ares”. A conversa estava indo as mil maravilhas, as duas pareciam velhas amigas tomando o tradicional chá da tarde londrino. Muito satisfeita e confiante que tudo estava certo para que pudesse voltar a lecionar, a sua “nova” amiga, perguntou, fazendo graça:

– Quería ver o Romildinho, cadê o bebê lindo da “vovó”?

Nessa hora, minha mãe gelou. “Digo logo ou não?” se perguntou. Passada esta pequena hesitação foi me pegar no berço. Tentando disfarçar o nervosismo que já tomava conta do seu ser, disse:

– Olha aqui, a coisa mais linda da mamãe.

De cara, D. Felícia, respondeu:

– Que lindinho, amei. Mas porque essa fralda tão grande?

“Ferrou” pensou mamãe, mas ao mesmo tempo considerando que estavam se dando tão bem achou melhor abrir logo o jogo.

– Bom, sabe, meu filho não é lindo?

– Sim é sim, mas o que isso tem a ver com a pergunta da fralda?

– Olha, assumo que gostei muito de você e quero muito que você trabalhe aqui em casa, mas preciso lhe dizer uma coisa.

A senhora com um olhar complacente, indagou a elegante senhora, com curiosidade:

– Pode confiar em mim Dona Sônia, a senhora quer me dizer que seu filho tem algum problema?

– Não é bem isso, não sei se é sério o que ele tem, ou se vai causar algum mal durante sua vida.

– Pode dizer, estou aqui pra ajudá-la – disse a senhora.

– Tá bom, é melhor mostrar do que explicar. Afinal, vou me enrolar tentando descrever o que ele tem.

Acho que minha mãe se arrepende até hoje de ter feito o que fez. No momento que minha mãe retirou a fralda, aquele membro quase gelatinoso se desprendeu e apontou para o chão fazendo parecer uma terceira perninha. Não deu tempo nem de olhar a cara da D. Felícia e minha mãe só ouviu um grito fino e agudo seguido pela seguinte frase:

– *God save the Queen* (Deus salve a rainha)!!

Dona Felícia teve um infarto fulminante e morreu na hora. Minha mãe chamou a ambulância às pressas, mas já era tarde. Bastante consternada minha mãe foi ao enterro da sua “nova” e já morta amiga. E lá ficou sabendo pela sua ex-patroa, que a falecida começou a trabalhar muito cedo com eles, acompanhando de perto a criação de seus rebentos, e por se dedicar tanto acabou pagando um preço muito alto. Não teve tempo para cuidar da sua própria vida e por isso acabou morrendo virgem aos 72 anos.

Dito isso, pronto. Minha mãe debruçando-se no caixão caiu aos prantos pensando “A piroca do meu filho matou essa senhora”.

Mas não pense que minha mãe desistiu do seu intento de conseguir uma babá pra mim, ela amava tanto ser professora que não estava disposta largar sua profissão por causa desse infortúnio. E afinal de contas, acreditava que tinha dado um azar danado, afinal de contas uma virgem aos 72 anos era raro até para os anos setenta.

Após três semanas daquela tragicomédia, analisando com cuidado extremo os currículos que chegavam, arriscou pela última vez da sua vida arrumar uma babá para cuidar de mim. Dentre as qualidades que buscava agora, a mulher além de ter uma certa idade, deveria ser casada e com filhos. Acabou selecionando uma das várias candidatas. Dessa, eu realmente esqueci o nome, pois já faz tempo que minha mãe narrou estes acontecimentos, mas vamos aos fatos. Só me lembro agora que ela tinha cerca de 40 anos, era mulata, de origem

humilde, morava longe, mas minha mãe pagaria qualquer valor de passagem se ela me aceitasse do meu "jeito". Pelo que sei, aconteceu mais menos assim:

– Bom, então é isso, você mora um pouco longe, é verdade, mas se for pra cuidar com carinho do meu filho, tudo bem. – disse minha mãe, atravessando uma risada nervosa.

– Se isso não for problema D. Sônia, adoraria trabalhar para senhora. Como expliquei, não tenho experiência anterior, sabe. Mas cuidei muito bem dos meus filhos, e estou precisando muito desse serviço. – completou.

Na hora minha mãe pensou: "É essa. Acertei na mosca Ela está precisando muito de trabalho, e sem experiência vai ser difícil arrumar outra família que a aceite".

– Está certo. Vou confiar na senhora, o emprego é seu, mas só depois que eu te mostrar meu lindinho.

A confiança exalava pelos poros da minha mãe, sempre ouviu de seu pai que a "necessidade faz o homem" e tinha a certeza que a necessidade financeira dela iria compensar o tamanho do "problema" que ela ia ter que pegar. Me trouxe apenas enrolado numa toalha branca e comentou.

– Olha meu filho é lindo e perfeito, mas você precisa saber de uma coisa.

E sem mais delongas retirou a toalha que me encobria, e então meus 15 centímetros ficaram à mostra. A senhora ficou muda, minha mãe na hora percebeu que alguma coisa tinha saído errado. Foi então que ela lentamente meteu a mão na bolsa que carregava, e retirou dela uma tesoura e do nada ela gritou.

– Morte ao demônio!! Morte ao capiroto!!

A louca veio correndo em direção da minha mãe, que me carregava no colo, gritando de forma histriônica, com os olhos esbugalhados e babando. Levando um susto tremendo, minha mãe entrou correndo no quarto e se trancou. Do lado de fora a mulher gritava de forma insana:

– Esse moleque é o filho do demônio. Arrancarei o chifre do diabo.

A candidata a vaga de babá se transformou na hora numa psicopata de Cristo, tenho certeza que ela acreditava que se cortasse meu pau, a humanidade estaria salva. Já imaginei a cena, ela entrando na casa de Deus, segurando aquela pica morta apontando pro alto, coberta de sangue, com a convicção que tinha feito uma coisa bacana pra caramba.

Não restou outra saída a não ser ligar pra polícia. Quando a polícia chegou tiveram que arrombar a porta. Vendo a cena, pararam em frente da senhora e então pediram para que largasse a tesoura lentamente e que se acalmasse.